

JORNADA DE AÇÃO GLOBAL

Fórum Social Mundial em novo formato

Ana Maria Prestes Rabelo*



O Fórum Social Mundial (FSM) está na agenda do século XXI. Desde a sua primeira edição, em janeiro de 2001, na cidade de Porto Alegre, esse evento vem cumprindo o papel de aglutinar e realçar as principais lutas dos movimentos sociais ao redor do mundo. Sob o lema “Outro Mundo é Possível” já deixou sua marca nas Américas, na Ásia e, recentemente, no continente africano. Não está imune, no entanto, a desgastes e limites impostos pelo tempo de duração, pelas disputas internas e pela hegemonia implacável da dominação imperialista.

Após três exitosos encontros no Brasil, sempre na cidade de Porto Alegre, em 2004 o FSM realizou sua primeira grande mudança. Foi realizado em Mumbai, na Índia, sendo um grande êxito em organização, público e combatividade. Foi também nesse encontro que ganhou força um intenso debate no seio das organizações que “coordenam” o processo FSM através de um Conselho Internacional. Fruto desse debate, tratado a seguir, nasceram novos formatos para o encontro anual, nomeadamente os fóruns policêntricos e a jornada de ação global 2008.

Formato e periodicidade

O evento anual do FSM é um encontro gigante. Consome significativas energias de todos que se envolvem na sua preparação e organização. Qualquer entidade representativa dos movimentos

O FSM de 2008 será um teste de sobrevivência. Há os que poderão dizer que o invento político fracassou, não teve forças para se consolidar como uma tradição vigorosa. Há porém os que poderão alegar que sua força e capacidade de renascer estão justamente na diversidade das formas que assume e no enraizamento local que atingirá ao ser promovido simultaneamente em dimensão global e em comunidades locais.

sociais ou organização não-governamental que pretenda ter uma participação relevante no encontro precisa investir. O investimento consiste em tempo para preparação, articulação das agendas e principalmente recursos financeiros para deslocamento e permanência no local do encontro.

Frente a tantos investimentos, o questionamento inevitável que surgiu no decorrer dos encontros, entre organizadores e participantes do FSM, foi quanto à sua eficácia. Aqui se pronuncia uma das principais polêmicas que divide os integrantes da sua coordenação. Há os que defendem que a eficácia está justamente na existência do encontro e na disponibilização de um “espaço” para debates e articulações. Mas há também os que apostam que o resultado a se esperar do FSM seria a promoção de um “movimento” mundial com objetivos e metas claras a serem alcançadas, o que não estaria ocorrendo.

Está aqui implícita uma ten-

são entre dois campos que se traduziu em um debate sobre o formato e a periodicidade do encontro anual do FSM. Esse debate chegou a um termo parcial na reunião do Conselho Internacional de Parma (outubro, 2006), quando se decidiu que o FSM de 2008 não seria um encontro mundial centralizado, permitindo a permanência das organizações nas suas regiões, mas sim “uma jornada de mobilizações mundiais em torno dos mesmos dias do Fórum Econômico Mundial de Davos”. O grande temor de alguns dos “criadores” do FSM era o de que este perdesse sua característica anti-Davos, que lhe garantiu projeção mundial nos primeiros anos.

O FSM de 2008, desse modo, será um teste de sobrevivência. Estará sujeito a severas críticas externas e internas. Há os que poderão dizer que o invento político fracassou, não teve forças para se consolidar como uma tradição vigorosa. Há porém os que poderão alegar que sua força e capacidade de renascer estão



Bandeiras tremulam na cerimônia de abertura do 3º Fórum Social Mundial – Porto Alegre, 2003

Jovens e estudantes de todo o mundo sempre foram elemento fundamental do processo do Fórum Social Mundial

justamente na diversidade das formas que assume e no enraizamento local que atingirá ao ser promovido simultaneamente em dimensão global e em comunidades locais.

O dia de ação global

O dia de ação global não será propriamente um dia, mas antes uma semana de atividades que terá como auge o dia 26 de janeiro de 2008. O objetivo dos organizadores é reunir, sob o lema que identifica o FSM – “Outro mundo é possível” – milhões de pessoas, organizações, redes, movimentos, sindicatos expressando diferentes segmentos sociais e culturais em todas as partes do planeta, desde as zonas rurais às urbanas.

A grande questão é que, diferentemente de um encontro centralizado, preparado com antecedência e com o qual as pessoas e organizações se comprometem previamente, esse tipo de agenda estará mais vulnerável às intempéries conjunturais. Na reunião do Conselho Internacional

em Berlin (maio, 2007) muitas organizações se queixaram, por exemplo, de ser um período de difícil mobilização até mesmo pelas condições climáticas, de frio rigoroso no norte e calor escaldante no sul.

O principal temor, no entanto, é o de que a falta de um grande mote mobilizador – como foi a guerra do Iraque para impulsionar as manifestações do 15 de fevereiro de 2003 – coloque em cheque a jornada. Bastará lançar um convite e aguardar a adesão das pessoas e organizações ao redor do mundo? Não será necessária uma coordenação mais determinante para garantir o êxito da empreitada?

Aqui mais uma vez as distintas concepções de FSM se dividem. Essa diferença foi percebida na grande polêmica sobre o papel da comunicação no processo de construção do dia de ação global. Comunicação versus mobilização foi o eixo do debate nas últimas reuniões do Conselho Internacional em Berlin (maio, 2007) e Belém (outubro, 2007). Os apologistas da comuni-

cação como grande instrumento de construção da próxima etapa do FSM defendem que altos montantes sejam investidos na propaganda e no apelo às adesões. Por outro lado, há os que defendem que somente a propaganda não basta, é preciso coordenar o processo. Ir às regiões, fazer controle das adesões, colaborar na solução dos pormenores da execução das atividades. Fica a questão: por que não combinar as duas medidas?

A participação da juventude

Essa combinação é sabidamente muito bem feita pelos jovens e estudantes de todo o mundo que sempre foram elemento fundamental do processo Fórum Social Mundial. A participação da juventude, especialmente nas edições de Porto Alegre, foi fundamental para dar o tom da alegria, da festividade e da combatividade que sempre marcou o FSM. Foi a juventude que levou o FSM para fora das salas da PUC-RS no primeiro FSM, foi ela quem puxou o Fora



Manifestação pacifista contra a Guerra do Iraque, 2003.

Bush do Iraque que se transformaria na jornada de 2003, foi ela quem lançou as principais campanhas contra a comercialização dos serviços - como a educação - na OMC.

Com o dia de ação global não será diferente. Vai acontecer de acordo com o caminhar e o avanço das lutas nos diferentes países. Será a expressão do atual estágio de resistência ao neoliberalismo e construção de alternativas. Mais uma vez a juventude que está presente nas mais distintas frentes, seja de gênero, cultura, educação, etnia e tantas outras, vai dar o tom da combatividade e da urgência nas mudanças necessárias para a construção do outro mundo possível.

O futuro do FSM

É notório que o FSM vive uma certa crise de perspectiva. A institucionalização do seu processo foi inevitável. Perdeu o viço da novidade e ainda não conseguiu se recriar de modo a emergir novamente na cena pública como algo potente e necessário. Está na agenda dos movimentos, mas muitos já alegam ser por demais dispendioso e pouco efetivo atender a todos os encontros. Por isso mesmo, em 2008 assumirá um novo formato com a jornada de mobili-

zações, voltando em 2009 a ser centralizado, agora em um local simbólico: a Região Amazônica, na sua parte brasileira.

Quando as especulações eram se o Fórum de 2009 seria novamente na África, se voltaria para uma cidade brasileira, como Salvador ou Curitiba, ou se iria para mares nunca dantes navegados, como a Coreia, surgiu a proposta do FSM na Amazônia. A proposta inicial suscitou algumas críticas, oriundas do fato de ser apresentada como um Fórum da Região Amazônica, sugerida como território autônomo, sendo que a sede do encontro será no coração do Brasil, no Pará. Também pelas motivações temáticas, de se inserir no atual debate sobre o aquecimento global, capitaneado por Ângela Merkel, quando presidente da Comissão Européia, e Bush, como principal bandeira de uma cidadania globalizada. Há, contudo, incriveis possibilidades deste FSM superar seus desvios de origem.

O acúmulo propiciado por seguidas edições do Fórum Pan-amazônico trouxe para os povos e organizações da região certa sincronia no trabalho organizativo e no tratamento das temáticas que mais os afligem. Será, portanto, uma forma de reparar um aspecto defasado do FSM, o tratamento adequado das questões amazônicas e de

Mais uma vez a juventude que está presente nas mais distintas frentes, seja de gênero, cultura, educação, etnia e tantas outras, vai dar o tom da combatividade e da urgência nas mudanças necessárias para a construção do outro mundo possível.

tudo que isso implica para as lutas ambientais, territoriais e de direitos humanos. A região que abrigará o Fórum está no coração de um continente que fervilha em desafios políticos e sociais tanto a partir dos movimentos como de governos comprometidos com uma globalização contra-hegemônica, o que certamente terá impacto nos rumos do Fórum.

O anúncio do FSM 2009 na Amazônia será também mais um fator aglutinador e incentivador das jornadas de janeiro. Afinal, todos que estão unidos na construção do outro mundo possível se preocupam com o futuro desse “espaço” que já tornou possíveis tantos “movimentos” locais, nacionais, regionais e globais, que formam uma potente rede altermundialista. É paradoxal estar em um encontro para se programar o próximo, mas é preciso reconhecer que muito da força do FSM está nesse movimento. A partir de cada atividade do dia de ação global se projetará mais uma luta, uma articulação, uma temática, a ser abordada no FSM 2009 em Belém. 

*ANA MARIA PRESTES RABELO é Mestre em Ciência Política. Representante da Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes (OCLAE) no Conselho Internacional do Fórum Social Mundial.